

Cadeira: <b>SEMINÁRIOS</b>	Licenciatura em Economia	4º ano	2º semestre de 2012
----------------------------	--------------------------	--------	---------------------

### **Curso Diurno**

Docentes: Professor Associado António Alberto da Silva Francisco ([antonio.francisco@iese.ac.mz](mailto:antonio.francisco@iese.ac.mz)), regente da cadeira; Professor Associado Carlos Nuno Castel-Branco ([carlos.castel-branco@iese.ac.mz](mailto:carlos.castel-branco@iese.ac.mz)), Professor Associado Luís de Brito ([luis.brito@iese.ac.mz](mailto:luis.brito@iese.ac.mz)).

## **I. Objectivos e metodologias da cadeira**

A cadeira “**Seminários**” foi introduzida no novo currículo de transição para passar da licenciatura de 3 anos para a de 4 anos. A cadeira está colocada no último ano da licenciatura e é a última, contemporaneamente com o período de redacção da monografia. A cadeira está pensada como uma forma de tentar remediar as dificuldades dos estudantes de construir argumentos, desde a formulação de perguntas sobre o mundo real até à escolha e uso de conceitos e de informação para o desenvolvimento das respostas a estas perguntas.

A cadeira será desenvolvida em duas fases:

1. A primeira fase (seis semanas) terá como metodologia a desconstrução de textos sobre economia de Moçambique e a reconstrução dos projectos de investigação que resultaram nesses textos. Esta fase envolverá várias actividades:
  - a. A leitura prévia de 2 textos sobre a economia de Moçambique
  - b. A identificação de fontes estatísticas e a sua obtenção
  - c. A desconstrução dos textos e reconstrução dos projectos de investigação, desde as perguntas primárias até ao texto final.
2. A segunda fase (4 semanas) consistirá na utilização de uma base de dados para demonstrar uma relação simples entre duas variáveis de acordo com uma das várias teorias económicas. Esta fase consistirá na exploração, aprendizagem e testagem dos dados.

Neste momento, é preciso chamar a atenção para alguns pontos:

1. Há uma diferença entre acontecimentos/números e factos observáveis; e entre factos observáveis e conceitos. Factos observáveis podem ser identificados do mundo real (por exemplo, inflação subiu ou desceu), mas já reflectem conceitos e instrumentos analíticos, ainda que a um nível primário (embora “subiu” e “desceu” possa ser demonstrado por números, mas “inflação” é um conceito descritivo sintetizado num índice – portanto, inflação só é observável se o conceito “inflação” for desenvolvido e utilizado). No entanto, mais complexa é a análise que requer uma desagregação da inflação (por exemplo, entre bens básicos de consumo e outros, entre bens alimentares e outros, entre inflação estrutural e outra) – esta análise já reflecte muito mais claramente uma teoria social de como funciona a economia, quais são as suas funções básicas e como é que diferentes balanços e equilíbrios se

relacionam. Ainda mais intensamente subjectivo é o conceito de “composição ou estrutura social da inflação”, que pressupõe que os componentes da inflação, a relação entre esses componentes e a relação entre a estrutura da inflação e a produção e distribuição do excedente sejam de tal ordem que a estrutura ou composição da inflação tenha ou adquira carácter social (isto é, reflecte equilíbrios e relações sociais). Quer dizer, uma análise reflecte uma maneira de pensar nas questões e de interrogar a “realidade”, de tal modo que abordagens diferentes ou simplesmente mais profundas requerem novos conceitos que, por sua vez, ajudam a aclarar (ou não) as questões em análise.

2. Portanto, as teorias sociais, as explicações que as teorias fornecem e a testagem das teorias não podem ser consideradas objectivas e isentas. Por exemplo, a única maneira de ter uma discussão objectiva e isenta da inflação é dizer que o nível geral dos preços cresceu por  $x\%$  porque...cresceu por  $x\%$ . Quer dizer, o facto observável é explicado por si próprio, o que não faz sentido. Um famoso, já falecido, Professor de economia da Universidade de Oxford, Sanjaya Lal, disse, num debate, que a análise de qualquer economia pode sempre ser reduzida a uma função de produção neo-clássica – isto não quer dizer que tal função de produção seja a melhor representação da economia; mas apenas demonstra, disse ele, que aceitando os pressupostos neo-clássicos de análise, é possível reduzir a complexidade da interacção social, económica e técnica do processo económico a três ou quatro variáveis independentes umas das outras, sem história e sem contexto social específico. Logo, o relaxamento ou abandono de tais pressupostos neo-clássicos torna a função de produção irrelevante e inadequada como representação da economia, do mesmo modo que a aceitação de tais pressupostos permite reduzir a economia a uma função de produção. Isto é, não são os números, mas a teoria social, que explica, representa, descreve, interpreta, analisa, testa e valida, pelo que os instrumentos e conceitos de análise são o produto da teoria
3. Números podem mostrar a necessidade de calibrar a análise dentro de um paradigma – por exemplo, o facto de as funções de produção neo-clássicas terem um residual muito grande mostra que não conseguem descrever a economia sem que alterações sejam introduzidas na metodologia de análise (o residual das funções de produção neo-clássicas ficou, por isso, conhecido como o “coeficiente da ignorância” ou “produtividade total dos factores”, ou “tecnologia”). Alguns autores neo-clássicos tentaram resolver este problema aperfeiçoando as funções de produção: desagregando capital entre físico e humano, desagregando trabalho entre qualificado e não-qualificado, introduzindo novos factores (terra, capital social, etc.); ou, mais radicalmente, criando os modelos endógenos de crescimento económico que internalizam a discussão da tecnologia e da qualidade (não apenas da quantidade) dos factores de produção. Os números apontaram para um paradoxo, mas foi com revisões à teoria que os economistas tentaram resolver o problema.
4. No entanto, há outras maneiras de tratar do problema, nomeadamente apresentando as questões – interrogações, factos observáveis e abordagens para os explicar – usando paradigmas que reflectam teorias diferentes. Quer dizer, o paradoxo criado pelas funções de produção neo-clássicas – que deixam muito da economia por explicar – pode ser resolvido não apenas por pequenas revisões à teoria mas, também, por teorias diferentes que não recorrem nem à metodologia nem à linguagem analítica neo-clássica. A função de produção neo-clássica tenta explicar crescimento económico pela combinação a-social e a-histórica de factores segundo as suas produtividades marginais. Mas será esta a questão central? Será que o estudo da economia centrado nos determinantes do crescimento esclarece e descreve os processos económicos? Será que tanto os factores como as suas produtividades marginais são independentes entre si e independentes de outras dinâmicas sociais? Como é que a

função de produção explica sectores, finanças, tendências mais ou menos especulativas, etc., e serão essas explicações consistentes entre si? O que acontece quando a tecnologia varia e é desigual na economia? Consegue, a função de produção, acomodar economias de escala e aprendizagem? Estas, e outras, questões e interrogações fazem parte da investigação. Quer dizer, o resultado da investigação depende tanto do mundo observável como das metodologias e conceitos usados para identificar e explicar o observável, mostrar as suas contradições e pontos críticos, e explicá-los. Um argumento é uma explicação consistente de uma crise, não é uma simples descrição da existência do facto A e do facto B e do facto C...e do facto N.

5. Logo, nenhuma análise e explicação de fenómenos ou teste de veracidade de teorias é isenta de teoria. Salvo os casos em que as teorias sob testagem ou a explicação de fenómenos se baseiam em óbvios disparates – como, por exemplo, o argumento que a compra de guarda chuvas explica as variações da inflação média na Inglaterra em 1992 com base na observação que os dois índices (compra de guarda chuva e inflação) evoluem com tendências aproximadas – nos outros casos uma teoria é testada não por números mas por outra teoria que escolhe, organiza e analisa os números com um conjunto diferente de assumpções.

Portanto, esta cadeira vai tentar ensinar a pensar e argumentar acerca de problemas usando e desconstruindo textos já elaborados, em vez de ensinar quais são os argumentos dos textos.

A avaliação da cadeira consistirá num ensaio individual sobre como é que o estudante desenvolveria um projecto de investigação específico para responder a uma pergunta/interrogação sobre um fenómeno económico. Portanto, o exercício **não é sobre** qual é a resposta para o fenómeno A ou B, mas como investigaria para chegar a essa resposta. **Este trabalho deverá ser entregue até ao dia 8 de Novembro** ao Prof. Doutor António Francisco. Uma explicação mais detalhada sobre este trabalho será dada oportunamente aos estudantes.

## II. Programa da Cadeira

As aulas decorrem nas terças-feiras e quintas-feiras, das 07:00 às 09:00 horas, na sala 210 da Faculdade de Economia.

### Semana 1 (20 a 25 de Agosto de 2012)

#### *Introdução à cadeira*

### **Semanas 2-4 (27 de Agosto a 21 de Setembro)**

(CN Castel-Branco)

#### ***Paradoxos da economia da Moçambique e como é que o conceito de “economia extractiva” foi desenvolvido e utilizado?***

Textos de leitura prévia obrigatória: Economia extractiva e desafios de industrialização em Moçambique; Paradoxos da economia de Moçambique – modo de acumulação extractivo como método de explicação ([http://www.iese.ac.mz/lib/noticias/2012/Paradoxos EconMoz\\_cncb.pdf](http://www.iese.ac.mz/lib/noticias/2012/Paradoxos_EconMoz_cncb.pdf)).

Material estatístico imprescindível: Anuário Estatístico de Moçambique; Boletim Balança de Pagamentos de Moçambique; base de dados do investimento privado aprovado do CPI.

### **Semanas 5-6 (24 de Setembro a 05 de Outubro)**

(Luís de Brito)

#### ***O projecto de investigação “O Mineiro Moçambicano”.***

Texto de leitura prévia obrigatória: “O Mineiro Moçambicano” (edição de 1977 ou 1998)

### **Semanas 7-10 (08 de Outubro a 02 de Novembro)**

(António Francisco)

#### ***Verificabilidade da identidade entre poupança e investimento usando a base de dados do Penn World Table*** ([http://pwt.econ.upenn.edu/php\\_site/pwt\\_index.php](http://pwt.econ.upenn.edu/php_site/pwt_index.php)).

### **Semana 11 (05 a 09 de Novembro)**

(António Francisco)

#### ***Entrega do ensaio final de avaliação (até 08 de Novembro).***